

SINOPSE DA ILÍADA

Livro 1: *Eclosão da briga entre Aquiles e Agamêmnon*

Livro 1 (A: “A peste e a ira”): Proêmio (1-7). O sacerdote de Apolo, Crises, pede a Agamêmnon que devolva sua filha, Criseida, prisioneira de guerra do comandante (8-21). Quando Agamêmnon recusa, Crises parte e pede vingança a Apolo (21-42). O deus envia uma praga ao campo aqueu, que se prolonga por nove dias (43-52). Convocada a assembleia por Aquiles, ele e Agamêmnon brigam (53-120). O comandante se dispõe a devolver Criseida, mas tomará para si Briseida, prisioneira de Aquiles, como compensação (121-187). Aquiles fica tentado a matar Agamêmnon, mas Atena intervém em pessoa e o demove disso (188-222). Aquiles então declara que se retirará doravante da luta, Nestor tenta uma conciliação, e a assembleia se dissolve (223-305). Criseida será mandada para casa, e Briseida é retirada da tenda de Aquiles (306-348). Dez dias depois, Aquiles chama sua mãe, a deusa marítima Tétis, para ajudá-lo a vingar o insulto à sua honra; ela promete pedir que Zeus favoreça os troianos (348-430). Odisseu entrega Criseida a seu pai Crises e, após oferendas a Apolo, retorna ao navio dos aqueus (430-487). Aquiles está retirado da batalha nos navios (488-492). Tétis vai ter com Zeus no Olimpo, que promete conceder o pedido. Hera se enraivece, mas Hefesto age como conciliador, e a noite acaba em banquete e música (493-611).

Livros 2-7: *Primeiro dia de batalha – Retardo*

Livro 2 (B: “O sonho; o catálogo das naus”): Zeus não consegue dormir e convoca o Sonho nocivo, ordenando-lhe que apareça a Agamêmnon, dizendo para atacar Troia sem demora; sob a forma de Nestor, o Sonho entrega a mensagem de Zeus (1-34). Em um discurso para o exército, Agamêmnon sugere partir para casa de mãos vazias, esperando uma oposição e, com isso, o reforço do moral dos guerreiros (35-83). Quando os aqueus surpreendentemente correm para os navios, é com dificuldade que são parados (84-210). O exército volta a se reunir em assembleia, Tersites insulta Agamêmnon e os líderes, sendo então punido por Odisseu, que reacende o moral dos guerreiros com um longo discurso, seguido por outros, de Nestor e Agamêmnon (211-393). As tropas retornam aos navios e preparam uma refeição antes da batalha; sacrifícios; os arautos ordenam que as tropas se ponham em posição; sequência de símiles (394-483). A isso se segue o **catálogo das naus**, que lista os contingentes das tropas dos aqueus (494-759) e, após um *intermezzo* (761-815), o catálogo dos troianos e de seus aliados (816-877).

Livro 3 (Γ: “Pactos; o combate singular de Páris e Menelau”): Os dois exércitos avançam na planície (1-14). Heitor e Menelau chegam a um acordo: ambos os exércitos vão depor suas armas, e a guerra será decidida por um duelo entre Menelau e Paris, o antigo e o atual marido de Helena (15-120). Das muralhas da cidade, Helena apresenta a Príamo os principais heróis dos aqueus, ficando atormentada por não ver seus irmãos entre eles (**teicoscopia**, 161-244). Sacrifícios (245-313). Quando Páris está em perigo mortal na luta, é levado embora de Troia pela deusa Afrodite (313-382). No quarto, partilha o leito com Helena, que, no entanto, o critica por seu mau desempenho no combate (383-455). Agamêmnon declara Menelau vencedor do duelo (456-461).

Livro 4 (Δ: “A ruptura dos pactos; a revista de Agamêmnon”): Assembleia dos deuses. Atena deve descer para implementar a quebra da trégua (1-84). Por instigação de Zeus e da deusa Atena por ele mandada, o troiano Pândaro fere Menelau com uma seta, de modo que se quebra a trégua (85-219). Depois que Agamêmnon passa em revista o exército aqueu, elogiando e vituperando os líderes (220-421), começa a batalha, primeiro com uma descrição geral e depois com uma descrição específica dos primeiros combates singulares (422-544).

Livro 5 (E: “A aristéia de Diomedes”): Na ausência de Aquiles, Diomedes se notabiliza como herói dos aqueus, instigado por Atena (1-165). Enéas busca Pândaro para parar Diomedes, e eles combinam atacá-lo conjuntamente (166-240), mas as carruagens se enfrentam, e Pândaro é morto por Diomedes, enquanto Enéas fica gravemente ferido ao tentar proteger seu corpo (241-310). Afrodite salva Enéas, sendo reconhecida por Diomedes e ferida na mão; ela deixa seu filho, que é então protegido por Apolo, e, com a ajuda de Ares, refugia-se no Olimpo e reclama para sua mãe, Dione, que a cura e lista outros ataques humanos contra os deuses, enquanto Atena e Hera zombam de Afrodite (311-430). Diomedes ataca Apolo e é repellido; o deus adverte Diomedes e manda Ares pôr fim às investidas de Diomedes; Ares dá força à resistência troiana, e Apolo manda o Enéas real, agora curado, de volta para o combate (431-518); A batalha continua, e os aqueus vão sendo forçados a se retirar enquanto Ares ajuda os troianos; triunfos de vários heróis, morte de Tlepólemo por Sarpédon (519-710). Atena e Hera partem para o araque contra Ares (711-834), que é ferido e foge para o Olimpo, onde reclama com Zeus (835-909).

Livro 6 (Z: “O diálogo de Heitor e Andrômaca”): O campo de batalha fica dominado pelos homens, e os aqueus conseguem várias vitórias sob a liderança de Ajax e Diomedes (1-72). Instigado pelo irmão, Heleno, Heitor vai do campo de batalha para a cidade, onde deve pedir que sua mãe, Hécuba, organize orações a Atena em seu templo (73-118). Diomedes encontra o lício Glauco na batalha. Eles se reconhecem um ao outro como amigos e trocam armas (119-236). Em Troia, Heitor fala com sua mãe, Hécuba, que organiza as orações a Atena, sem sucesso (237-311). Heitor vai então para a casa de Páris, criticando-o e convencendo-o a voltar à batalha; fala, ainda, com Helena, negando seu pedido para ficar por mais tempo (312-368). Heitor encontra sua mulher, Andrômaca, e seu filho Astíanax, nos portões da cidade, recusando seu pedido para se poupar; Astíanax tem medo do capacete do pai (369-502). Heitor parte de novo para a batalha, na companhia de Páris (503-529).

Livro 7 (H: “O combate singular de Heitor e Ajax; o sepultamento dos mortos”): Heitor e Páris voltam ao campo de batalha; Atena desce a Troia, mas é interceptada por Apolo, que lhe propõe uma trégua de um dia e concorda com a sugestão de que Heitor deve desafiar um campeão aqueu para um duelo (1-43). Heleno comunica a Heitor a intenção dos deuses, e este lança o desafio; Menelau decide aceitar, mas é demovido por Agamêmnon (44-122). Nestor critica os outros aqueus, fazendo relato de sua juventude, e assim nove guerreiros se voluntariam, dos quais Ajax é escolhido por sorteio (123-205). Ajax e Heitor lutam, mas o duelo acaba em empate, e os heróis trocam peças de sua armadura (206-312). Nestor sugere uma trégua para enterrar os mortos e que se fortifique o acampamento. Simultaneamente, os troianos propõem, por meio de Ideu, retornar as riquezas trazidas por Helena e outras mais ainda, além de uma trégua para enterrar os mortos; os aqueus rejeitam a primeira proposta, mas aceitam a segunda (313-411). Ambos os lados cremam seus mortos; os aqueus implementam o plano de Nestor para usar a oportunidade para construir um muro e uma trincheira diante de seu acampamento (412-441). Após uma breve cena (talvez espúria) no Olimpo em que Posêidon reclama, chegam navios de vinho de Lemnos para o banquete dos aqueus, que tremem com os trovões de Zeus (442-482).

Livros 8-10: *Segundo dia de batalha e noite subsequente – Crise e fracasso da tentativa de reconciliação*

Livro 8 (Θ: “A batalha interrompida”): No concílio dos deuses, Zeus proíbe os outros deuses de intervir nas batalhas até segunda ordem e parte para o monte Ida em sua carruagem (1-52). Na batalha que se segue, após um equilíbrio inicial, os troianos se mostram superiores, favorecidos por Zeus; Nestor é salvo por Diomedes, e ambos enfrentam Heitor, mas recuam quando Zeus lança um raio diante de sua carruagem (53-171). Heitor encoraja os troianos, e Hera não consegue influenciar Posêidon a intervir; os troianos estão por entrar no acampamento quando Agamêmnon reúne os aqueus e pede a Zeus que os salve, o qual lhes manda um sinal positivo e permite que se recuperem momentaneamente (172-252). Diomedes inicia o contra-ataque dos aqueus; Teucro vive alguns sucessos com seu arco, mas não consegue atingir Heitor, que o abate com uma pedra; Zeus dá nova força aos troianos, e os aqueus são de novo forçados à trincheira (253-349). Atena e Hera estão preocupadas e partem do Olimpo para intervir, quando Zeus as proíbe de influenciarem o combate em favor dos aqueus; Zeus revela que Heitor continuará a colecionar vitórias até a morte de Pátroclo (350-484). Quando cai a noite, Heitor não retorna as tropas à cidade, como de hábito, mas permite que acampem ao ar livre em frente ao acampamento dos aqueus, cheio de confiança na vitória (484-565).

Livro 9 (I: “A embaixada para Aquiles; súplicas”): Desmoralizado por sua derrota, Agamêmnon convoca a assembleia e propõe partir; Diomedes, com aplauso de todos, repudia a sugestão pusilânime, e Nestor cumprimenta Diomedes e traça as precauções para a noite, entre outras medidas (1-88). Depois da refeição, Nestor lembra Agamêmnon de que foi o fato de ter tomado Briseida que resultou na situação atual, propondo que se celebre a paz com Aquiles; Agamêmnon reconhece seu erro e diz o preço que está disposto a oferecer, mas insiste que Aquiles deve reconhecer seu estatuto superior; Nestor propõe uma embaixada de líderes para ir ter com Aquiles (89-181). Na noite que se segue à derrota, os aqueus discutem como prosseguir. Por sugestão de Nestor, Agamêmnon concorda em se reconciliar com Aquiles: ele retornará Briseida intocada e dará compensações suplementares. Os heróis Odisseu e Ajax, bem como o educador idoso de Aquiles, Fênix, vão até Aquiles em uma embaixada, orando a Posêidon no caminho (182-225). Discurso de Odisseu (225-306) e resposta de Aquiles (307-429). Discurso de Fênix (430-605) e resposta de Aquiles (606-619), que deseja que Fênix fique e manda Pátroclo preparar uma cama para ele, pensando em ir embora. Ajax diz para Odisseu que devem ir embora e admitir a derrota, mas Aquiles acaba tocado e afirma que apenas intervirá na batalha se os troianos avançarem para junto dos navios (620-668). Depois da recepção, Odisseu conta o fracasso da embaixada, e a assembleia fica muito preocupada até que Diomedes encoraja os príncipes aqueus a continuar lutando (669-713).

Livro 10 (K: “Doloneia”): Os atridas, sem sono e apreensivos, examinam o acampamento e acordam os demais líderes para inspecionarem a guarda e acertarem os planos para a noite (1-179). Nestor propõe que alguém se voluntarie para espionar os troianos. Diomedes se oferece, e outros líderes se voluntariam, dos quais Diomedes escolhe Odisseu (180-253). Os dois se armam com capacetes inabituais, rezam a Atena e são encorajados por um presságio e partem (254-298). Troianos em concílio, e, com a promessa dos cavalos de Aquiles, Dólon se voluntaria para espionar os aqueus (299-331). Dólon parte para os navios, e os dois aqueus o ouvem e o aprisionam, o qual, interrogado, revela a chegada, naquela mesma noite, de Reso com os trácios; sem hesitação, Odisseu e Diomedes matam Dólon (332-468). Os aqueus surpreendem os trácios dormindo, Diomedes mata Reso e mais doze trácios enquanto Odisseu foge com os cavalos (469-502). Aconselhados por Atena, fogem, enquanto Apolo adverte o primo de Reso; os aqueus chegam a salvo com seu butim, sendo bem recebidos por seus amigos; banham-se e banqueteam (503-579).

Livros 11-18: *Terceiro dia de batalha – Morte de Pátroclo por Heitor*

Livro 11 (Λ: “A aristéia de Agamêmnon”): Ao raiar do novo dia, Zeus manda a Discórdia para mover os aqueus; a magnífica armadura de Agamêmnon é descrita; os aqueus partem de suas novas fortificações, enquanto, do outro lado, os troianos, admoestados por Heitor, avançam para enfrentá-los (1-66). Massacre de ambos os lados (68-90). Os troianos se põem em fuga, e Agamêmnon se destaca na batalha, matando oito troianos; Heitor, advertido por Zeus, não se opõe a ele; finalmente, Agamêmnon é ferido no braço e precisa se retirar para os navios (91-283). Heitor encoraja seus homens; breve *aristéia* de Heitor (284-309). Contra-ataque de Odisseu e Diomedes, até que Diomedes fere Heitor, que recua, e Diomedes é ferido por Páris com uma flechada no pé, devendo se retirar (310-400). Odisseu fica sozinho, mas mata vários troianos e é finalmente resgatado por Ajax (401-488). Os troianos, liderados por Heitor, forçam também Ajax a se retirar (489-595). Aquiles, assistindo à batalha de seu navio, manda seu companheiro Pátroclo para se informar (596-617). Nestor conta dos desastres (618-669). O épico de Pilos: para convencer Pátroclo, Nestor narra um feito heroico de sua juventude, quando derrotou os campeões dos epeus (670-762). Nestor, enfim, urge Pátroclo a convencer Aquiles a retornar para a batalha ou ao menos a permitir que ele, Pátroclo, lute em seu lugar (762-803). Pátroclo volta à tenda de Aquiles, dando com o ferido Eurípulo no caminho, a quem ajuda (804-848).

Livro 12 (M: “A batalha nas muralhas [Teicomaquia]”): A narrativa volta aos navios, onde Nestor e Pátroclo estão mirando o campo de batalha; digressão sobre o muro dos aqueus, que, construído sem os sacrifícios devidos, será destruído pelas águas (1-33). Descrição geral da batalha, Heitor avança para o muro, mas pára diante do fosso (34-59). Troianos decidem atacar a pé (60-107). Tentativa de ataque a cavalo, parada pelos lapitas, de quem se narra uma breve *aristéia* (108-194). Heitor está prestes a lançar um ataque quando aparece um presságio, interpretado por Polidamante, mas Heitor o rejeita e tenta avançar contra o muro, mas os Ájaces reforçam a defesa (195-289). Sarpédon, comandante dos lícios, intervém e chama Glauco para ajudá-lo, com um discurso sobre o código dos heróis, avançando então contra o muro (290-412). Os aqueus se reúnem, e a batalha fica indecisa, mas Heitor inspira os troianos a um segundo assalto e ultrapassa os portões com as lanças na mão; os troianos entram pelos portões (413-471).

SINOPSE DA ILÍADA

Livro 13 (N; “A batalha junto às naus”): Enquanto Zeus não o vê, Posêidon cruza o mar e intervém, assumindo as feições de Calcas, para parar os troianos diante dos navios; encoraja os gregos, que resistem ao avanço troiano; Meríones ataca Deífobo, mas quebra sua lança e vai buscar outra (1-168). Os gregos vão levando a melhor, mas o neto de Posêidon, Anfimaco, é morto; enraivecido por sua morte, o deus exorta Idomeneu, que se arma e se dirige à batalha (169-245). Retomando à batalha, Idomeneu encontra Meríones, que explica que está buscando uma nova lança; Idomeneu lhe oferece uma, e ambos afirmam sua coragem; decidem lutar na esquerda e voltam à batalha; ambos os lados estão escamecidos, pois os desejos de Zeus e de Posêidon são contrastantes (246-360). Diversas mortes (361-454). Deífobo consegue a ajuda de Enéas contra Idomeneu; luta sobre o cadáver de Alcáto. Idomeneu se retira exausto. Deífobo mata Ascálafo, filho de Ares, mas é ferido por Meríones e tem de se retirar (455-539). Batalha indecisa e sangrenta, com os gregos em vantagem (540-672). Heitor luta no centro, atacado pelos projéteis aqueus; os gregos resistem, liderados por Ajax (673-837)

Livro 14 (Ξ: “O engano de Zeus”): Diomedes, Odisseu e Agamêmnon discutem a situação com Nestor; disfarçado, Posêidon encoraja Agamêmnon com um discurso e aos demais gregos com um grande grito (1-152). Para impedir Zeus de notar a intervenção de Posêidon, Hera se vale de uma poção mágica e convence o Sono a ir consigo ao monte Ida, onde o casal divino dorme sob uma nuvem dourada (153-353). Isso dá a Posêidon a oportunidade de apoiar abertamente os aqueus, que trocam armaduras para que os melhores lutadores estejam mais bem equipados; os dois lados, liderados por Heitor e por Posêidon, se enfrentam (354-401). Após Ajax, que se destacou em meio aos aqueus durante as lutas defensivas, surpreender Heitor atirando uma pedra, os troianos abandonam o acampamento dos navios (402-522).

Livro 15 (O: “A retirada para as naus”): Ao acordar, Zeus está encoleriza-se com Hera ao ver os troianos em fuga. Ele manda Apolo apoiar os troianos, revelando que seu apoio a eles é apenas temporário (1-77). Hera vai para o Olimpo avisando que é vão resistir a Zeus e contando a Ares da morte de seu filho Ascálafo; Atena impede Ares de tentar se vingar de Zeus; Apolo e Íris vão ao monte Ida (78-150). Zeus manda Íris a Posêidon para que ele se retire, e então manda Apolo para reanimar Heitor, que entra novamente na batalha (151-280). Os gregos resistem, mas os troianos, sob a liderança de Heitor, fortalecido por Apolo, avançam em direção ao acampamento; Pátroclo urge Aquiles a voltar para a batalha (262-404). Ambos os lados lutam duramente, sem avanços (405-591). De acordo com o plano de Zeus, Heitor avança para a primeira fileira de navios e pede aos troianos que tragam fogo para incendiá-los (592-746).

Livro 16 (Π: “Patrocleia”): Pátroclo, que retornou de junto de Nestor, pede a Aquiles que volte à batalha ou o deixe tomar seu lugar nela. Aquiles está disposto a ajudar os aqueus em suas dificuldades, mas, à luz de suas palavras sobre a embaixada, ele não pode tomar parte pessoalmente na batalha. Então, concorda com o pedido do amigo e o envia e aos mirmidões para a batalha (1-100). Os troianos ateam fogo a um navio; Pátroclo toma todas as armas de Aquiles menos sua lança, e seu charreteiro Automedonte sela os divinos cavalos; Aquiles exorta seus homens e, voltando à sua tenda, pede a Zeus para que Pátroclo afaste os troianos dos navios e volte em segurança. Pátroclo conduz os mirmidões para a batalha (101-277). Os troianos confundem Pátroclo com Aquiles, pois Pátroclo está com a armadura do Pelida, e se retiram, amedrontados, com pesadas perdas (278-418). Pátroclo mata o lício Sarpédon, um filho de Zeus, cujo corpo é levado pelo Sono e pela Morte até a Lícia (419-683). Empolgado pelo sucesso, contrariamente às instruções de Aquiles, Pátroclo persegue os troianos em retirada até as muralhas, onde Apolo lhe diz que não pode tomar a cidade. Lá, mata o charreteiro de Heitor, Cebríones (684-776). Com auxílio de Apolo, que toma suas armas e o cega, Euforbo fere Pátroclo nas costas, e Heitor o golpeia no abdome. Pátroclo, moribundo, vaticina que Heitor logo será morto por Aquiles (777-867).

Livro 17 (P: “A aristéia de Menelau”): Menelau, por sobre o cadáver de Pátroclo, é desafiado por Euforbo e o mata (1-69). Apolo recrimina Heitor, que avança contra Menelau, e Menelau decide se retirar, pedindo apoio de Ajax; Heitor leva a armadura de Aquiles, e Ajax defende o cadáver de Pátroclo (70-139). Glauco repreende Heitor, que veste a armadura tomada a Pátroclo e urge os aliados troianos, com esperança de recuperar o cadáver de Pátroclo (140-236). Por sugestão de Ajax, Menelau pede novamente ajuda, e os gregos acorrem. Zeus cobre a cena em névoa; após um breve sucesso troiano, Ajax novamente retoma o controle (237-318). Apolo recrimina Enéas, que reúne os troianos amedrontados, enquanto Ajax mantém os gregos firmes sobre o corpo de Pátroclo (319-359). Continuidade da disputa (360-425). Os cavalos imortais de Aquiles ficam imóveis, lamentando seu charreteiro morto. Zeus lamenta a sorte dos mortais (426-458). Automedonte entrega as rédeas a Alcimedonte e luta a pé; a tentativa de Heitor de capturar os cavalos imortais é frustrada por Automedonte e pelos dois Ájaces (459-542). Atena encoraja e fortalece Menelau, que mata Podes, amigo de Heitor (543-581). Apolo repreende Heitor, que recebe um sinal de apoio de Zeus. Idomeneu e os outros gregos partem em fuga (582-625). Ajax reclama do apoio de Zeus aos troianos e clama pela ajuda de Aquiles, pedindo para que Menelau mande Antíloco como mensageiro (626-701). Menelau volta à contenda sobre o cadáver de Pátroclo; junto com Meríones, afasta-o do campo de batalha, enquanto os Ájaces sustentam a luta; série de símiles (702-761).

Livro 18 (Σ: “A fabricação das armas”): Depois de Antíloco, filho de Nestor, ter informado Aquiles da morte de Pátroclo, o Pelida se recrimina asperamente e anuncia que se vingará da morte do amigo. Tétis lamenta por seu filho, que está destinado a morrer após Heitor. Tétis o proíbe de ir à luta antes que ela volte com nova armadura feita por Hefesto (1-147). Continuava a disputa pelo corpo de Pátroclo, e Hera manda Íris aticar Aquiles, que se demora por não ter armadura; ele se mostra aos troianos e, com a ajuda de Atena, sua aparência e seu grito de guerra os deixam em pânico e permitem que o cadáver seja trazido ao acampamento troiano (148-242). Amedrontados, os troianos conduzem uma assembleia diante de Troia. Podidamante recomenda que voltem para a cidade e permaneçam lá por um dia, mas Heitor rejeita o conselho e ordena que permaneçam na planície para lutar no dia seguinte; os troianos aplaudem Heitor (243-314). Aquiles vela o cadáver de Pátroclo, falando de sua própria morte e prometendo vingar-se de Heitor; o corpo é lavado, untado e vestido, ao lamento dos mirmidões (314-355). Zeus e Hera conversam, e Hera diz que até os humanos buscam fazer as coisas ao seu gosto, de modo que ela também deve trazer infortúnio aos que odeia (356-368). Tétis vai ter com Hefesto, sendo recebida por sua esposa Cárís, e pede ao deus ferreiro que prepare uma nova armadura para seu filho (369-467). **Écfrase.** Na descrição do escudo, durante o trabalho de Hefesto, as cenas artisticamente elaboradas nas novas armas de Aquiles são mostradas em detalhes (468-606: corpos celestes, 483-489; cidade em paz, 490-508; cidade em guerra, 509-540; o ano agrícola, 541-572; pastoreio, 573-589; dança, 590-606). Hefesto leva o escudo e o resto das armas a Tétis, que os traz do Olimpo (609-617).

Livros 19-22: Quarto dia de batalha – Morte de Heitor por Aquiles

Livro 19 (T: “A renúncia da ira”): Pela manhã, Tétis entrega as novas armas a seu filho, e, diante da preocupação de Aquiles com a putrefação do cadáver do amigo, ela o protege com ambrosia e néctar (1-39). Na assembleia do exército, Aquiles põe fim à querela com Agamêmnon, e Agamêmnon promete dar os presentes prometidos a Aquiles (40-144). Aquiles deseja ir imediatamente à batalha, mas Odisseu diz que os homens precisam de uma refeição, que os presentes precisam ser exibidos e que Agamêmnon precisa jurar que não dormiu com Briseida (145-237). Os jovens vão buscar os presentes, e Agamêmnon jura que não dormiu com Briseida, que se junta ao lamento por Pátroclo; a pedido de Zeus, Atena sustenta Aquiles com ambrosia e néctar (238-356). Aquiles veste a armadura e se enfurece para o combate, os cavalos são preparados, e à recriminação que Aquiles lhes lança, o cavalo Xanto lhe lembra que sua própria morte está próxima; Aquiles conduz os aqueus à batalha (356-424).

Livro 20 (Y: “Teomaquia”): Zeus convoca uma assembleia dos deuses e deixa os deuses livres para apoiarem os aqueus ou os troianos conforme lhes apraza; os imortais pareiam para duelar (1-74). O conflito divino é interrompido, e a cena está pronta para um confronto de heróis: o dardânida Enéas (sustentado por Apolo) encontra Aquiles na batalha; Hera e Posêidon temem pelo herói grego, enquanto os deuses se retiram (75-155). Os heróis se confrontam, e Aquiles provoca Enéas lembrando de sua fuga da outra vez que se encontraram, enquanto Enéas lembra Aquiles de seus ancestrais (156-258). Eles duelam, primeiro com lança, depois com espada, e Enéas toma uma grande pedra, mas Posêidon teme pela vida de Enéas e o salva, uma vez que os descendentes de Enéas estão destinados a um dia reinar sobre os troianos. Aquiles se dá conta do que aconteceu (259-352). Aquiles exorta os gregos, e Heitor, os troianos, mas Heitor se retira aconselhado por Apolo, enquanto Aquiles mata diversos troianos, incluindo Polidoro, irmão de Heitor (353-418). Enraivecido, Heitor avança e troca ameaças com Aquiles, mas Atena intervém por Aquiles, enquanto Apolo leva Heitor em segurança (419-454). Aquiles prossegue o massacre dos troianos (455-503).

Livro 21 (Φ: “A batalha perto do rio”): Aquiles luta no rio Escamandro, onde se refugiam muitos troianos (1-33). Encontra-se com Licáon, filho de Príamo, que fora seu refém; a despeito das súplicas de Licáon, Aquiles o mata e o joga no rio, com um discurso desrespeitoso que enfurece o deus-rio (34-138). Aquiles mata Asteropeu, deixando seu corpo no rio (139-204). O Escamandro intervém, ordenando que Aquiles desista, mas Aquiles não obedece, e o rio reclama a Apolo e depois persegue Aquiles na planície. Aquiles apela a Zeus, Posêidon e Atena. Aquiles ataca o rio, que pede ajuda ao Simoente (205-327). Hera pede a Hefesto que queime a planície e o rio, e ele o faz até que o Escamandro peça para parar e prometa a Hera não mais tentar ajudar os troianos (328-382). Há uma batalha aberta entre os deuses favoráveis aos aqueus (Atena, Posêidon, Hera, Hermes) e os favoráveis aos troianos (Afrodite, Apolo, Ares, Ártemis, Latona), com triunfo dos primeiros (383-513). Apolo entra em Troia para protegê-la de Aquiles, enquanto os outros deuses voltam ao Olimpo. Agenor enfrenta rapidamente Aquiles antes de ser resgatado por Apolo, que toma seu lugar. Enquanto Aquiles persegue Apolo, os troianos recuam para detrás das muralhas (514-611).

Livro 22 (X: “A morte de Heitor”): Os troianos se recuperam no interior da muralha, mas Heitor permanece do lado de fora; Apolo revela sua identidade a Aquiles, que se enraivece e se aproxima das muralhas (1-24). Príamo vê a chegada de Aquiles e pede a Heitor que não o enfrente, mas nem suas súplicas nem as de Hécuba o demovem de enfrentar Aquiles (25-89). Heitor espera pelo ataque de Aquiles, mas começa a debater consigo mesmo se deve ou não permanecer, enfim decidindo pelo enfrentamento (91-130). Na chegada de Aquiles, Heitor foge, e Aquiles o persegue por três voltas ao redor da muralha; Zeus pergunta se devem resgatá-lo da morte, mas Atena diz que sua ruína está fadada de há muito, e Zeus consente enquanto Atena deixa o Olimpo (131-187). Aquiles continua a perseguir Heitor, impedindo-o de se refugiar nas muralhas; Apolo lhe insufla um último fôlego, mas, ao chegarem às fontes pela quarta vez, Zeus pesa suas sortes na balança, e a ruína de Heitor afunda, fazendo com que Apolo o abandone (188-213). Atena manda Aquiles respirar e depois vai até Heitor disfarçada de Deífobo e o encoraja a enfrentar Aquiles (214-47). Heitor afirma estar pronto para lutar e pergunta se Aquiles concorda que o vencedor devolverá o cadáver do perdedor, mas Aquiles não aceita a proposta; a lança de Heitor e quebra e, quando se volta a Deífobo para pedir outra, ele sumira. Heitor avança com a espada, já sabendo que está por morrer, e Aquiles o mata atravessando seu pescoço com a lança, não sem antes avisá-lo de que sua morte é iminente (248-366). Aquiles retira a armadura de Heitor, e os outros gregos o atacam; manda que retornem aos navios com o corpo de Heitor enquanto canta uma canção de vitória. Então amarra o corpo em sua carruagem, passando correias pelos seus tomozelos, e parte, arrastando o corpo (367-404). Lamento dos troianos (405-436). Andrômaca não sabe de nada, mas ouve os lamentos e corre à muralha, desmaiando ao ver o corpo do esposo, lançando um lamento ao recobrar os sentidos (437-515).

Livros 23-24: Fim da “raiva de honra” e da “raiva de vingança” de Aquiles

Livro 23 (Ψ: “Os jogos para Pátroclo”): Aquiles, chegando aos navios, manda os mirmidões lamentarem Pátroclo e oferece um banquete fúnebre (1-34). Os líderes escoltam Aquiles até Agamêmnon e o convidam a se lavar, mas ele se recusa até que Pátroclo seja enterrado. Aquiles dorme à beira-mar (35-61). Pátroclo aparece em sonho a Aquiles e lhe pede que o sepulte logo; Aquiles tenta abraçá-lo, mas a imagem desliza e o deixa, e Aquiles acorda (62-108). Com o raiar do dia, Agamêmnon ordena aos aqueus que busquem madeira para a pira de Pátroclo, que são trazidas do monte Ida e preparadas (109-126). Procissão fúnebre; Aquiles corta uma mecha de seu cabelo e a oferece a Pátroclo (127-153). Preparativos; Aquiles diz que vai dar o corpo de Heitor aos cães, mas o corpo é preservado por Afrodite e por Apolo (154-191). Os ventos acorrem para pôr fogo à pira (192-225) até o amanhecer, quando Aquiles cai exausto e, após acordar, coordena o enterro dos ossos de Pátroclo, trazendo enfim prêmios para as disputas (226-261). Os jogos (262-897: aurigas, 262-652; pugilato, 652-699; luta, 700-739; corrida, 740-797; combate armado, 798-825; lançamento de peso, 826-849; arco e flecha, 850-853; lança, 884-897).

Livro 24 (Ω: “O resgate de Heitor”): Os aqueus partem, comem e vão dormir, mas Aquiles não consegue conciliar o sono e, pela manhã, conduz Heitor três vezes em volta do túmulo de Pátroclo, com a face virada para o chão; Apolo, porém, protege o corpo de Heitor (1-21). Os deuses se apiedam de Heitor e urgem Hermes a resgatar seu corpo, mas Hera, Posêidon e Atena objetam; no décimo segundo dia, Apolo protesta pela negligência dos deuses para com o corpo de Heitor e por seu apoio a Aquiles. Hera responde que Aquiles merece mais honra, mas Zeus apoia Apolo e ordena que Tétis seja chamada para que avise Aquiles de que deve aceitar o resgate de Príamo (22-76). Íris visita Tétis e a convoca ao Olimpo, onde é instruída por Zeus a fazer seu filho receber Príamo e aceitar o resgate por Heitor (77-119). Tétis passa a mensagem, e Aquiles consente (120-142). Zeus instrui Íris a visitar Príamo e a que lhe diga que vá com presentes a Aquiles, prometendo que Hermes o escoltará, o que Íris faz (143-187). Príamo avisa a família (188-227), escolhe presentes e se prepara para partir (228-280), seguindo-se uma libação de Hécuba, que pede um sinal a Zeus, o qual manda uma grande águia em resposta (281-321). Príamo parte e, a partir das muralhas, é conduzido por Hermes, sem ser visto pelos demais gregos (322-348). Conversa de Príamo e Hermes (349-442). Quando chegam aos portões aqueus, Hermes põe os sentinelas para dormir e abre os portões. Ao chegarem à tenda de Aquiles, entram, Hermes revela sua identidade e parte (443-469). Príamo e Aquiles conversam, e o rei troiano pede ao assassino de seu filho que lhe liberte o corpo por um resgate. De acordo com as instruções de Zeus que lhe foram comunicadas por Tétis, Aquiles anui com o pedido, janta com Príamo e lhe concede uma trégua de onze dias para os funerais de Heitor (470-676). Hermes manda Príamo partir e retorna em segurança para Troia com o cadáver do filho. Cassandra anuncia sua chegada (677-718). Heitor é posto numa cama, canta-se um treno, e Andrômaca, Hécuba e Helena choram a morte de Heitor (718-776). Funeral de Heitor depois de dez dias e banquete fúnebre no palácio (777-804).